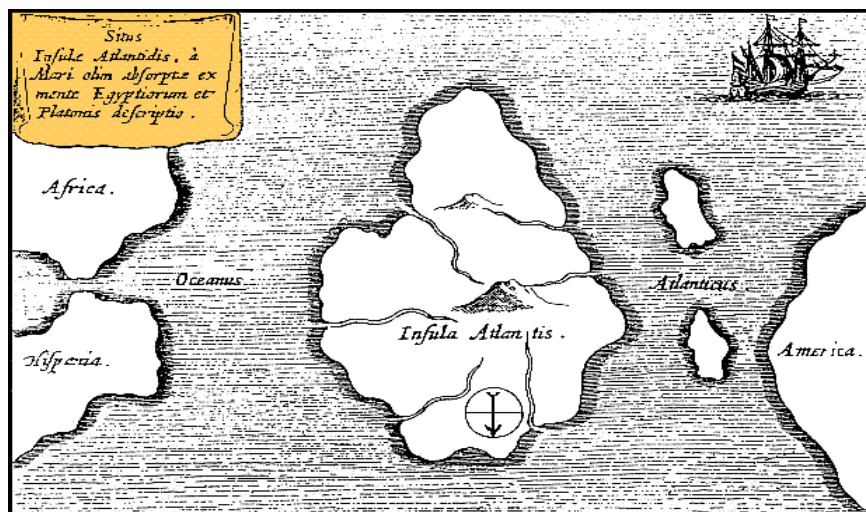


## CADERNOS AÇORIANOS



Suplemento 4 MAIO 2010

**DEDICADO A VASCO PEREIRA DA COSTA**

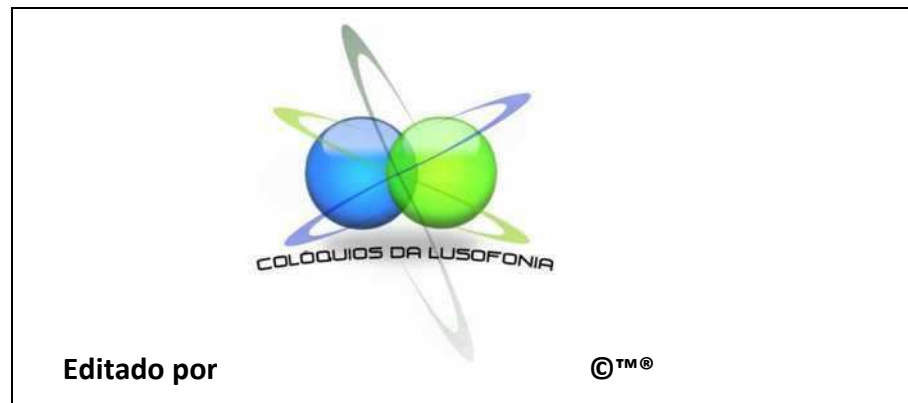
Todas as edições estão em linha em

<http://www.lusofonias.net/estudos%20e%20cadernos%20açorianos/index.htm>

Editor **Colóquios da Lusofonia** (Chrys Chrystello)

Coordenadoras **Helena Chrystello / Rosário Girão dos Santos**

Os colóquios da lusofonia seguem a nova ortografia desde  
FEV.º 2009



Aqui se transcrevem textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia ou pelos seus participantes.

.....  
**13º COLÓQUIO DA LUSOFONIA (5º ENCONTRO AÇORIANO) MARÇO-ABRIL 2010 FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA, BRASIL**

AO VASCO PEREIRA DA COSTA

a ilha            quilha

que ilha?        a ilha

parto num parto precoce

náufrago em terra

açores à vista

contra doenças e maleitas

as lhas – que ilhas?

há momentos

como este

nascidas do fogo

que deviam ficar eternos

enterradas por vulcões

parados no tempo

tremidos

tremuras

ternuras atlânticas

tudo pela ilha

atlântidas

tudo pelas ilhas

ilhas cativas

no tempo e no espaço

**chrys chrystello**, saco grosso, floripa, santa Catarina, Brasil, 7 abril 2010

perdidas nas brumas

no basalto e na lava

piratas

corsários

aprisionam poetas

geram autores

concebem amores

ritos e crenças

benzeduras

---

**13º COLÓQUIO DA LUSOFONIA (5º ENCONTRO AÇORIANO) MARÇO-  
ABRIL 2010 FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA, BRASIL**

**Em demanda de uma *Pastelaria* em Angra...**

(A VASCO PEREIRA DA COSTA) Rosário Girão

Nem sempre o Artista incentiva o “leitor implícito” a cooperar na gênese, evolução e finalização da sua obra, interpelando-o, de modo lúdico, para desafios gastronómicos, subtilezas etimológicas e questões narratológicas. Tal promoção, longe de significar a ‘morte’ do Autor,

desemboca tão-somente numa almejada coincidência entre a leitura e a escrita, repassada de rasgos metaficcionalis.

Nostálgico tanto dos primórdios simbolizados pelo continente sepulto da Atlântida como da sua Ilha perdida, metaforizada em Menina, Mulher e Mãe, Vasco Pereira da Costa partilha, num processo de desmitificação, o espaço insular terçeirense com o destinatário das ‘palavras que planta’ e das ‘lérias que vende’. Transmutando em oficina de escrita uma *Pastelaria da mui nobre, leal e sempre constante* Angra, vemo-lo a configurar, não sem a devida ironia, cenários preferencialmente distintos, a convocar personagens às quais dá vida (criaturas por ele não rejeitadas como as de Pirandello), a inventar os seus apurados diálogos (variações tendentes para a repetição), a escrever os seus discursos esmerados (vezes sem conta indecisos, vazios de conteúdo) e a esboçar os seus fidedignos retratos, qual “fotograma” entronizado pela sátira, a raiar a caricatura, e reforçado por panóplia significativa de lugares-comuns, clichés e estereótipos.

Nos antípodas do telurismo de uma ‘Ilhíada’ flagelada, social e politicamente, vai-se delineando, pelas “Escadas do Império” (genericamente falando), uma autobiografia espiritual (emblemizada pelo desventurado “*Dream Ship*”, pela luso ateniense “*República dos*

*Mil-Hafres*” e pelas coimbrãs *Sobre Ripas Sobre Rimas*), escandida pelo apelo à odisseia que, tecida de laços duradouros (*My Californian Friends*) e de destinos imortalizados (*Terras*), se apresta a configurar a remitificação islenha.

É a vez de o leitor regressar à *Pastelaria*, onde o Autor, recorrendo e socorrendo-se do poder do Verbo, celebra – *Venho cá mandado do Senhor Espírito Santo* – a Alcatra e a madorra açóricas, reinventando esse esquivo conceito de *açorianidade* que a ‘Continentalidade’ não deixa de corroborar.

“*Hei de charruar palavras. Hei de pendurar iscas nos anzóis da escrita.* (1984: 30).

Acaso poderá o esteta do verbo ser considerado um “*plantador de palavras*” e um “*vendedor de lérias*”? E prescindir, para ‘*oficina de escrita*’, de uma islenha “Torre de Anto”<sup>1</sup> - “*Na cidade quieta*” -, nostálgica do Mondego e varrida pelo Atlântico? Do mesmo modo, será lícito encarar o leitor como coadjuvante ou cúmplice do plantio desses lexemas e da venda de tais patranhas? Prova flagrante da resposta afirmativa às questões formuladas não deixa de ser a obra de Vasco

<sup>1</sup> Ver, a este respeito, a homenagem a Coimbra de Vasco Pereira da Costa in *Sobre-Ripas Sobre-Rimas* (1994).

Pereira da Costa intitulada *Plantador de palavras Vendedor de lérias* e galardoada, em 1984, com o Prémio Miguel Torga.

Assumindo-se como uma viagem no tempo<sup>2</sup>, entre o passado irreversivelmente sepulto e o presente de contínuo convocado, rasgada, aqui e além, por laivos autobiográficos e por reptos metaficcionais que emolduram a génese de uma vocação, a sua eventual procrastinação, o amadurecimento de um pseudónimo, qual alterónimo patronímico ficcional (Manuel Policarpo), e a prossecução da carreira literária e pictórica deste último, a antologia de novelas em exegese lança para a ribalta um narrador-protagonista saudoso do *ab initio* simbolizado pela ‘queda’ da Atlântida: “Decididamente que me movem as saudades. As saudades e a nostalgia da ilha perdida – perdida sem remédio – [...] A minha ilha não era esta. [...] Esta ilha já não era a minha.” (Costa, 1984: 89).

Era outro, com efeito, o espaço insular onde, antes do terramoto, o quase iconoclasta de deuses e de fantasmas e o abjurador convicto de “assentar as albarcas da vida numa ilha” (1984: 32) *vira a luz num berço-embarcação, aparentado à “Chalupa do Jé Vapor”* (1984: 10), recriação de teor marítimo metonimicamente traduzida quer pela ‘algunha’ do seu

criador, Mestre Jangada, quer pelo nome com que este último a batizara: “Dream Ship”. Nesse Pico e nessa Terceira de antanho, cuja identidade cultural se revelava similar, tinham vivido como camponeses (picarotos) e como comerciantes (terceirenses) o seu tetravô, *Manuel Carauta Policarpo, “semeador de milhos” e “criador de cabras”* (1984: 17), *casado com Anastácia; o seu trisavô, Pedro Carauta Policarpo, unido matrimonialmente a Beatriz, da qual “existe um autorretrato romântico na salinha dos retratos.”* (1984: 25), e Vovô Manuel, conubiado com Vavó Dores, pais de Ti Fausto, irmão de Papai Manuel ou, mais bem dito, de Manuel Terra Policarpo, “*arribado na chalupa Esperança à baía de Angra com uma trouxa de linho, uma saquinha de trapos donde roera o último biscoito de raiz de feto, e a carta ao desconhecido. Era o ano de 1920. Meu pai tinha 10 anos.*” (1984: 36). Seu Pai e, como é óbvio, pai também de seus irmãos, Mariana e Eduardo, já para não falar do Autor Vasco Pereira da Costa, que adota o seu nome como pintor...

Neste percurso insulano, de um insular que “*traz as ilhas todas na barriga*” (1984: 32), *espoletado pela ressurreição de Ti Fausto - “[...] e grande é o Pico porque grande é o Ti Fausto”* (1984: 18) - e pela revisitação de espaços e tempos de outrora, relativizados posto que sobrepostos, destacam-se os escombros de uma casa volvida em esqueleto, de onde se avistava a Ilha de S. Jorge, bem como uma

<sup>2</sup> “É por este viajar de tempo desfeito, desalinhavado por mãos doidas, posto debaixo dos pés hesitantes, correndo nas lágrimas em poeira fina como cinza de crematório; [...]” (1984: 15).

toponomástica significativa (o Largo da Ermida, os calhaus de Alcaide, a Prainha, a Fajã que se prolonga na Ponta da Fornalha, a Vila da Madalena e as duas torres da sua Igreja), que metaforizam a Ilha<sup>3</sup>, para *Ti Fausto e seu sobrinho, em Ilha-Menina*, “de olhos puros como dois torrões de lava fresca e vidrada e gotejante da seiva da terra”, em *Ilha-Mulher*, “inteiriça e possante”, em *Ilha-Mãe*, simbolicamente representada pelo “ventre largo” e pelo “regaço acolhedor e cálido” (1984: 19), e, também, em *Ilha-Madrasta ou “ilha de rabos-tortos” para Jaime Valdemiro de Sousa, personagem natural de Cerro, mas oriundo de Lisboa, porque “para esta malta Coimbra é Lisboa, Braga é Lisboa, Setúbal também é Lisboa.”* (1978: 31-33). Nos antípodas deste lirismo metafórico, visualiza-se, de supetão, um cru realismo inerente à pintura da “mui nobre leal e sempre constante cidade de Angra do Heroísmo, ao tempo em que o Autor nela carregava a sua adolescência de amores, temores e rancores”, patente numa estatística de teor descritivo ou numa enumeração de cariz sociopopulacional que se pretende exaustiva, mas que mais não é do que uma estilização lúdica.

De facto, na capital da Terceira, burgo de “lojas sonolentas” (destaque-se a hipálage), “comerciantes lentos” e “clientes ensonados”,

---

<sup>3</sup> Não deixa de ser interessante a conceção mitológica de Ilha para Ti Fausto: “A ilha [...] É uma namorada antiga, [...] Afiança que empenhou a Ilha Calma numa madrugada luarenta da Senhora das Candeias, [...] E que o pico é a barriga da ilha, fecundada pela seiva fervente da sua força maciça.” (1984: 18).

habitam - e a ordem não é aleatória... - “um governador civil e três governadores militares; dezanove bombeiros voluntários [...]; vinte e cinco meninas que namoram à janela e [...] catorze desfloradas nos saguões; um bispo [...], três parvos oficiais, [...] trinta e quatro velhas de lenço [...] quarenta e sete bêbedos e oito senhores que andam às vezes alegrinhos.” (1984: 40). Neste balanço demográfico, o pormenor, hiperbolicamente exarado e matematicamente calculado às décimas, reforça a sátira de *ethos* não agressivo, mas corretora, corrobora a crítica sagaz, enfatiza a intenção irónica e acentua os efeitos cómicos<sup>4</sup>. Com efeito, dos quarenta e três professores do Liceu de Angra, “vinte são professores do Seminário maior, onde há quinhentos e sessenta e oito seminaristas menores, dos quais oitenta e nove vírgula seis por cento oriundos da cristianíssima ilha de S. Miguel [...]” (1984: 40-41). E atente-se no superlativo, com valor depreciativo... No que respeita à percentagem das viúvas, elas são em número de “quarenta e sete [viúvas] praticantes, vinte e seis [viúvas] protestantes e oito [viúvas] de fresco ainda indecisas, [...]” (1984: 40). Por fim, “quarenta e três indivíduos usam gravata verde porque são adeptos do Lusitânia e trinta e

---

<sup>4</sup> Não olvidar alguns processos cómicos primários como, por exemplo, a hipérbole (repetição, redundância e exagero), a lítotes (elipse, condensação e transposição metafórica), a ironia (eufemismo, antífrase) e a inversão (quiasmo, paradoxo e paralogismo). Ainda a este propósito, afigura-se interessante revisitar, com Jean-Marc Defays (1996: 34-82), alguns efeitos do riso na interação verbal (o cómico pode interromper o interlocutor, atenuar uma afirmação e provocar uma reação), no plano psicológico (ao influenciar o estado de espírito dos participantes), no plano axiológico (ao emitir um juízo crítico, ao sancionar, ao moralizar), no plano sociológico (ao dividir o mundo entre os que riem e os que não sabem rir) e no plano ideológico (ao tomar o partido da subversão).

*nove põem gravata vermelha porque são sócios do Angrense, havendo que mencionar ainda dois laços – um poeta e um boticário.”* Note-se, de passagem, a reificação inerente à sinédoque “laços”...

Porém, o que interessa sobremaneira ao Autor é a escolha de um certo cenário de *Pastelaria* (uma das duas que existem em Angra, a par de dezoito tabernas e de seis cafés), onde possa talentosamente exercitar os seus dons demiúrgicos, à semelhança de Collodi que assiste à autonomia do Pinóquio, mas diversamente de Pirandello, em busca do qual andam as seis personagens... E eis que as suas criaturas, assíduas frequentadoras da *Pastelaria* angrense - “*uma ilhota em tudo igual à Ilha lá de fora*” (1984: 42) -, adquirem vida, pela destreza da prosopografia e da etopeia que um discurso específico, linguisticamente apurado, confirma, ambos desaguando, retrato e discurso, na denúncia de uma mentalidade confrangedoramente estreita em consonância com o meio não arejado onde gesticulam as marionetas. Desfilam, ante nós, em planos cinematográficos concebidos por uma escrita fotográfica que incisivos e sucessivos fotogramas cristalizam, a Dona Dionísia, baronesa da Ribeira Seca, cujo odor a felino lhe garante um posto reservado, conquanto solitário, ao pequeno-almoço; a garbosa D. Madalena, cliente das três da tarde, filha do Eleutério Retroseiro, cuja aventura com o galã da Base não escapa, impune, ao olhar punitivo do Fifi da Câmara; a Dona

Olímpia, perita em adjetivação pejorativa no tocante ao queijo, mas deleterianamente irresoluta no que respeita à seleção da marca:

*“São Jorge – apimentado; Flamengo – gorduroso; Castelinhos – farinhento; Frescal – insosso; Pico – enjoativo; Vaquinha – pastoso. Sei lá, talvez Castelinhos, olhe não, pese-me antes do Pico, vou acabar por levar o Frescal, o menos mau ainda é o São Jorge, corte-me uma quarta de Flamengo.”* (1984: 45).

De realçar que apenas o queijo “Vaquinha” se viu enigmaticamente apartado do campo ‘olímpico’ da indecisão... A Dona Vitória, obcecada pelas interrogações direcionadas para o grau de frescor dos bolinhos, dos cuvilhetes e do folhado, e premiada, pela proprietária da *Pastelaria*, com a promessa de uma inevitável frescura saída não do forno, mas do frigorífico; a Dona Aurora, que vem aviar a sua ‘receita’ de sempre ou, por outras palavras, encher de bagaço um frasquinho de xarope, destinando-se esta solução açucarada a um bolo fantasmagórico, já que a aguardente (significante não pronunciado, por receio, talvez, do significado...) passa por cura milagrosa para uma inconfessável maleita.

A coroar o elenco de personagens, eis não só D. Carlota, irmã do Sr. Almirante, salvador de Angra que o procura “*pelo seu emprego, pelas*

*suas sortes, pelas suas guerras, pelas suas vidas.”* (1984: 46), mas também os salsicheiros Elmano, Olinda e seu cão Bobi, que abalam da Ilha por não haverem sido convidados para o casamento do filho de Nicolau Desarmadeira: *“Chamuscámos os porcos que esta ilha tinha/Já estão todos bem esfolados/partimos de bolsa cheia.”* (1984: 49).

Bem interessante, no que respeita ao processo de escrita se revela o *explicit* da novela “vendedor de lérias”, no qual surge o “Vigilante da Contenção e das Vírgulas”, *alter-ego*, porventura, do Autor, cujas observações metalinguísticas e metaliterárias passam a moldar a gramática semântica-narrativa-estilística das restantes novelas.

Se a referência à releitura, às emendas e ao papel rasgado re-enviam para uma genética textual indicadora de um parca fluência do verbo, tão-somente aperfeiçoada pelo trabalho artesanal do sujeito escrevente, e se a autoalusão ao *“balzac de pacotilha”* e ao *“eça sem senso de mesura”* apontam para uma voluntária mas imerecida filiação realista, simultaneamente almejada e denegada pelo Autor, o sintagma “o poder terrível das palavras”<sup>5</sup> torna cristalino o método de produção textual:

---

<sup>5</sup> “É este o poder que a escrita me dá: arrancar amarras de servidão, libertar enraizamentos daninhos, agarrar no tempo, torcê-lo, contorcê-lo e levá-lo até onde quero, anos e anos retrocedendo, tecendo as horas e os dias num tapete onde raspo as garras da memória. Assim, libérrimo pelo poder da palavra, já me passeio entre a gente que deixei (vivos e mortos) numa ilha de neblinas de linhaça, de verdes nebulosos, de eventos desatinados, de destinos encobertos.” (1984: 39). Curioso se torna notar que a escrita catártica é a escrita da memória... Ver, ainda nesta

por um lado, o Autor dá a sensação de se acusar do acometimento excessivo da sátira, patente na ‘chapa’ maquiavélica que fixa personagens não absolvidas, fustigadas pela vingança que “traumas infantis” geraram e que a *“máquina de projetar que traz sempre no bolso direito da bossa da memória eterniza.”*

Por outro, e mercê de um longo segmento metaléptico em que as personagens atravessam a fronteira da ficção e penetram no real, saltando o responsável pelo livro para a ficção e logo transitando, por magia, desta última para a sua ‘oficina’, somos informados de que o Autor se ergue *“da mesa onde rascunha, passeia-se de mãos atrás das costas (gesto muito seu quando não sabe o que escrever), sente a gana [...] de rasgar tudo e começar de novo, [...] acende o cigarro da irresolução [...] quando avança resolutamente e faz isto.”* (1984: 50).

Estes dois sinais gráficos, ponto e vírgula e ponto, tanto parecem alertar para o término da indeterminação do artista como anunciar o seu recomeço sisífico, visível nas novelas fiscalizadas pelo sensato “Vigilante da Contenção e das Vírgulas”, alvo de certa crítica institucional - a *“ponderação educada e domesticada na Faculdade de Letras de*

---

sequência e em *Memória Breve*, a definição que dá o Autor de um escritor: “E o escritor é como a feiticeira que necessita de ler nas vísceras das vítimas esclarecedoras [...] o escritor é também um prestidigitador de verbos e um ilusionista de muitos truques (que, em certos momentos de fraqueza descamba para a confiança escusada).” (1987: 107-108).

*Coimbra*” e “a qualidade das boas-maneiras adquiridas nas sólidas instituições burguesas de uma ilha com abalos-só-de-terra.” (1984: 50).

Em “O Primeiro Diógenes” (novela ‘vigiada’), deparamos com um “*exemplo de pai de família*” que, na Pastelaria, após hesitar entre uma água gelada das Lombadas, uma limonada fresquinha, uma cerveja preta ao natural, um copo de leite frio sem açúcar e um pirolito com um pouco de vinho branco, opta, finda a enumeração que tão-somente veicula a falácia da hesitação, pela bebida que Angra sabia, à partida, que ele iria tomar: o vinho branco, mesmo “*do bom, do Continente.*” (1984: 55). Sublinhe-se, de passagem, a quase antropomorfose angrense, carreando a crítica (grafada entre parênteses como um aparte falaciosamente anódino) à coscuvilhice e ao mexerico que fervilham na capital terceirense: “*Ora, Angra inteira sabia (e o que é que Angra não sabia...?)*” (1984: 56); “*Beber, sim, mas com dissimulação, às escondidas (às escondidas de Angra...), despercebido, [...]*” (1984: 57): “*Este jogo das escondidas (jogar às escondidas com Angra é perigoso - Diógenes devia saber) [...]*” (1984: 57).

É ainda esta personagem que, ciliciando-se, numa quinta-feira santa, com a ausência da receita do Dr. Penicilina - “[...] *só branco, Diógenes, só branco, nada dessas zurrapas de tinto que dão cabo do estômago...*”

(1984: 56) -, pede ao filho que vá à venda do Senhor Lourinho encher uma garrafinha de vinho da Graciosa (não para ele, neste jogo simulatório entre o que é e o que parece ser, mas para a “Alcatra” do Domingo de Páscoa), acabando, suma humilhação a sua, por ser aniquilado pela interrogação, nada retórica, do seu Francisquinho, elevando-se como farpa auditiva no silêncio fúnebre do andamento do cortejo: “- *Ó pai, é branco ou tinto?*” (1984: 59). Transitando para “O Anãozinho de São Jorge”, vamos encontrar, de novo na *Pastelaria* de Angra, Joringel, o homem mais alto da ilha, e o supracitado “Anãozinho” que Já Caiota (Joringel) considerava pertença sua, a ponto de proprietário e propriedade terem sido fotografados pelo *Diário das Ilhas*, que publicou a seguinte legenda: “[...] *aperto-de-mão que uniu para sempre o homem mais alto da Terceira ao ser mais reduzido da Ilha dos Queijos.*” (1984: 65).

Paralelamente à crítica do clero - emblematizada pela figura austera do Cónego Severo, “*parente imprescindível nos serões de compostura, festa de anos, refeições de família.*” (1984: 57) - e à crítica da mentalidade, que o plural da desordenada sucessão amplifica - “*A cidade impava de alegrias ao ver desembarcar efebéis, jornalistas, fotógrafos, carros, Nixons, televisões, Pompidous... e, agora, anões.*” (1984: 64) -, vai-se esboçando a crítica de um certo discurso jornalístico, ávido de

uma “Coluna Social” supostamente sensacionalista, repassado de lugares-comuns e eivado de clichés ao serviço da salazarista Pátria [afinal, este antissalazarismo está patente em “O Manel d’Arriaga”, no momento em que o protagonista, Jaime de Sousa, por entre a parafernália de “Vivas” a Salazar, ousa proferir “VIV’Ó MANEL D’ARRIAGA! (1978: 36)].

É o caso do *Diário das Ilhas - Pelos Açores ao Serviço da Pátria*, que patrioticamente noticia a chegada, à Ilha Terceira de Jesus Cristo, que já recebera Nixon e Pompidou e “*onde Portugal já foi só*” (1984: 69), de um veleiro proveniente da velha Albion, bem como a receção que lhe deverá ser feita pelo Senhor Guilherme Teles, o qual, “*aqui na ilha*”, é “*assim como o cônsul da Inglaterra*” (1984: 78), para além de ser íntimo de M. Roads, “*exímio executante de oboé na Filarmónica Inglesa.*” (1984: 69). O aviso oficial na *Pastelaria* pasmada (repare-se, uma vez mais, na hipálage), bem como a risível evolução de um acontecimento primando pela banalidade, merecem análise atenta

- pelo desfasamento flagrante entre o evento constrangedoramente trivial (a atracação de um veleiro inglês na baía de Angra) e a solenidade irrisória do seu pomposo acolhimento;

- pelo aparato ridículo que preside ao ensaio, na “língua bárbara” de Guilherme Teles (um inglês barbaramente falado), de um oficial (e não oficioso) discurso de boas-vindas, com enfoque turístico no verdelho insular: “[...] *oariú-veriuel-tanquiú-plise-eve-a-glesse-of-waine-ver-dei-lhu-v’ri-gude* [...]” (1984: 71);

- pela amplificação megalómana, carreando a desfiguração ou desvirtuação, porventura equivalente à assunção verbal, polifónica, de certas fobias recalcadas ou determinadas ignorâncias atávicas. Mediante a hodologia, ou seja, o itinerário específico do rumor, boato ou burburinho, o barbeiro transmuta o veleiro britânico em “*submarino inglês que trazia a banda de música da freguesia de Londres e que ia tocar oboés - devem ser cantigas da moda - em frente da casa do Senhor Guilhermino, ali ao Pisão.*” (1984: 74). Por sua vez, no Largo das Camionetas do Prior do Crato, o único veleiro desdobra-se e prolifera em “*esquadra de jipes anfíbios*” rumando à baía carregado de oboés “*- se calhar bombas atómicas... E que o Senhor Guilhermino é que ia falar inglês com os ingleses*”; do mesmo modo, é o veleiro anódino metamorfoseado, na Farmácia, em “*paquete de dois canos fumegantes*”, “*com lindos oboés à proa e à ré. - Oboés? - Pois sim, uma espécie de telescópios! E que trazia um oboé de presente da parte da Rainha de Inglaterra, que era amiga de um*

*amigo que estivera na ilha no tempo de guerra. Amigo do Senhor Guilhermino, oboé para o Senhor Guilhermino.” (1984: 74-75).*

Por fim, neste contexto humorístico e rumorófilo, gaba-se Calvino, proprietário do botequim epónimo, de brevemente receber três visitas *“de autorizo: três almirantes da Marinha Inglesa que tinham chegado com uma rapariga que adoecera no Faial com a doença dos oboés. Destas moléstias modernas...” (1984: 75).*

Desapercebidos, nesta conjuntura, não podem ficar o discurso indireto livre, assinalado com itálico, equivalente à focalização interna, assim como o diminutivo aparentemente hipocorístico de Guilherme, a redundância absurda *“falar inglês com os ingleses”* e o falso plurissemantismo, ditado pelo desconhecimento, do termo *“oboé”*;

- pela antítese linguística e cultural entre o Senhor Guilherme Teles, pragmático e triunfalista (falante de um inglês *“arranhado”*), e o Dr. Fedro, professor de Latim no Liceu, adepto de um *“cadavérico latinório”*, recitador de Vergílio *“ora em melopeias de adágio ora em ressonâncias de pilhéria. Aquela dos pisces foederunt cunas igualava em gaitadas o pay day was a week ago.” (1984: 71);*

- pelo recurso à imagologia<sup>6</sup>, ou seja, à representação, não raro minimalista e estereotipada, do estrangeiro na capital da Terceira:

*“ - E mete-se uma rapariga pelo mar dentro, sozinha, com dois homens! Que desatino! Que pouca vergonha! Também ouvi dizer que aí para fora é uma, ai como é que se diz, uma... promisorquidade...! Um desassossego!*

*Não! Os ingleses são pessoas de recato. Isso deve ser para a terra da América, que é país de muita nação.” (1984: 73);*

- pelo contraste elucidativo entre o frenesim dos habitantes, que aguardam impacientemente o veleiro, e a impassibilidade da natureza, que imperturbavelmente segue o seu curso sazonal: *“Para lá do mar, São Jorge recolhia-se, abrasado por um sol de lume, envolto pelo negro cone do pico do Pico.” (1984: 75);*

- pela consciência cratílina da linguagem, patente na escolha motivada do nome, ou, por outras palavras, sequaz da não arbitrariedade do signo linguístico: se a Farmácia de Angra batizada foi de *“Cura”*, se o médico da ilha é conhecido por *“Dr. Penicilina”* e se o barbeiro terceirense se chama Mestre *“Lêndea”*, re-enviando ao pouco simpático parasita do universo capilar, Jé

<sup>6</sup> Segundo Jean-Marc Moura (2005: 205-215), a imagologia pode ser definida como o estudo das imagens literárias do estrangeiro, provenientes da oposição eu/outro, identidade/alteridade.

Caiota tem o nome da homónima planta herbácea e trepadora, enquanto o Professor de Latim, Fedro, não interlocutor de Sócrates, mas do Senhor Guilhermino, entusiasta da *“Beleza, com maiúscula”* (1984: 72), remete para o tratado platónico do amor e da retórica, fusão do *Górgias* e do *Banquete*;

- pelo pressentimento de eventual catástrofe (do naufrágio do veleiro, talvez), que a espera longa e insana corrobora, traduzida por quatro presságios, não tanto arautos de uma peça trágica mal alinhavada, mas, preferencialmente, de uma obra cómica habilmente dissimulada, no tocante, sobretudo, quer à comparação semanticamente dinâmica, quer à confusão que se instala no campo lexical das vozes dos animais: *“[...] o rato atropelado pelo Eufrásio carroceiro guinchara um estranho choro de toninha; a nuvem negra em forma de mulher deambulava como uma carpideira; o calor desusado caíra na noite imprevista; o ralh do cagarro ecoava uivante e canino e sinistro.”* (1984: 77);

- pelo *explicit* da novela que, lesto, se apressa a desmontar, de forma abrupta e lúdica, o suspense narrativo inerente tanto à espera solene do veleiro e à subsequente estada, na generosa Angra, de três *“Ingleses de Inglaterra”* (1984: 78), como à hospitalidade oca do Senhor Guilhermino - perito em falar do

que nunca visitou e em contar o que nunca ouviu - e à degustação do verdelho no botequim do Calvino (...que não é Italo):

- *Ubi veritas? – dignificou-se o Dr. Fedro.*

- *Onde é que eles estão? – cramou Jé Caiota, fungando o desaire.*

- *Ubei, senhores, eu cá sei... Eles chegaram eram três e piques, atracaram, vi os papéis, mercaram o que lhes convinha, eram umas cinco e já iam adiante dos ilhéus na rota de S. Miguel...”* (1984: 78).

Se a *Pastelaria* angrense não pôde, desta vez, presenciar o não-acontecimento, não deixou de ser palco, num passado próximo, de outras estórias, como a do duo Belmiro e Delmiro, o primeiro amante da fotografia, devoto o segundo de um *“casal de bicos-de-lacre.”* (1984: 55), ambos com *“a idade imprecisa dos 40-60, o trajar dos homens 40-60, a estatura meã da cidade em idade 40-60, a obesidade de Angra nos 40-60, a despreocupação de quem vive apenas pré-ocupado pelos rendimentos das casas [...] do acento na certeza de que hoje é hoje e amanhã será, na mesa da Pastelaria, ao fundo, conversa com conversa [...]”* (1984: 39).

Por vezes, a *Pastelaria*, cujo vidro rachado expõe à curiosidade alheia “*Chocolates-Favorita-Bolachas*” (1978: 40), cede lugar ao Café Portugal, em cujas mesas de mármore o Beque perora sobre um tempo que já não é, em confronto - reforçado pela retoma do segmento frásico - com o tempo que passou a ser: “- *Eu sou do tempo em que um defesa era um beque, um médio era um àfebeque, um guarda-redes era um quipa; em que um canto era um corna, um fora-de-jogo era um ofessaide; eu sou do tempo em que uma escarradela nas trombas do árbitro era um livre indireto.*” (1978: 95).

De um a outro tempo, já que o espaço permanece inalterável, assiste-se, por um lado, à largada onírica para a América - “*Se não tivesse o senou a cair-me as fontes, ia mas era para a América.*” (1978: 21) -, à chegada das missivas do Canadá - “[...] *as dolas que vieram nas cartas*” (1978: 22) -, à metamorfose do ilhéu despretensioso em espalhafatoso luso-americano - “*Que Mercês está feita uma calafona da ponta da orelha, com óculos de borboleta e cabelos prateados.*” (1978: 26) -, ouvindo-se, por outro, o castiço idioleto com o qual Inês Saiote brinda os tripulantes do Funchal entrementes atracado: “*Aqui [Igreja do Colégio dos Jesuítas] recebeu ordens o [...] mártir terceirense, Terceira ailande mártir, por pregar a vré fuá de Cristo Craiste aos Japoneses, Japnize, crrrrrrrr, de-go-la-do, cortaram-lhe la tête, assim, [...] big naifa no neque,*

[...] *há de vir a ser santo, véri, véri, véri milagres, este papa [...] que sofreu muito, big pancada, tré porrada, mas o poder de Nosso Senhor, Oh iesse, é muito gran, muito enorme o pauer de Jesus.*” (1984: 84).

Idioleto similar, mesclado com a gíria estudantil, pelo tempo balizada (“pá”), pode ser ouvido na “*Real República dos MIL-HAFRES*” - onde quase “*todos os repúblicos eram das ilhas*” (1979: 15) -, pela voz do Jéjé machista, que divaga sobre as divergências prototípicas entre a mulher açoriana e a mulher continental: “- *A mulher de cá [Coimbra] pá é muito dada portanto dá-se com os rapazes [...] lá [Ilha] pá [...] a gente tem mais confiança pá há menos baldas portanto elas ficam em casa a gente só namora à tarde [...]*” (1979: 40).

Fazendo jus não a um “pitoresco regionalista”<sup>7</sup>, como afirmou Cristóvão de Aguiar, mas a um telurismo pictórico e cinematográfico que, num eficaz “zoom”, sobrevoa a sátira e raia a caricatura, o narrador (que se automeia Autor) torna-se exímio em partilhar a sua aventura de escrita com o narratário, diretamente inscrito na narrativa, de contínuo interpelado e não raro designado, algo cerimoniosamente, não pela tradicional expressão pluralizante “*Minhas Senhoras e Meus Senhores*”, mas pela inversão dessa fórmula plural convencionalizada -

<sup>7</sup> cf. Contracapa de *Nas Escadas do Império* (1978).

“*Meus Senhores e Minhas Senhoras*” (1984: 41) - ou, então, num crescendo de familiaridade, por leitor e por “*meu amigo*”.

Em *Amanhece a Cidade* (rememoração dos tempos de estudante em Coimbra), a atenção dispensada ao leitor - não ao leitor real, mas ao leitor implícito de Iser e ao leitor modelo de Eco<sup>8</sup> - firma a leitura como uma criação dirigida e cooperante - sem carrear a barthesiana morte do Autor<sup>9</sup> - tendente para a atualização textual e subsequente preenchimento de voluntários pontos de indeterminação: “*Agora, meu amigo, já estás inteirado. [...] Talvez gostasses mais que a estória se desenrolasse sem estas quebras, sem estes golpes, sem estas intromissões. Mas eu, autor de ficção, não posso partir do nada. [...] Depois, apanha esses bocados de História e de estória e constrói, tu próprio, a tua história.*” (1979: 47-48).

---

<sup>8</sup> De salientar que, para Iser e Eco, é o efeito da leitura, ou seja, o efeito produzido pelo texto sobre o leitor, e não o sentido da obra literária que importa. Se o leitor modelo pode ser definido como sendo um leitor capaz de cooperar na atualização do texto, o leitor implícito é, também, uma estrutura textual, não se identificando com o leitor real, nem com o narratário, equivalente ao destinatário e situando-se, por conseguinte, ao mesmo nível que o narrador. Ver Piégay-Gros, Nathalie (2002) *Le Lecteur*.

<sup>9</sup> Ver, sobre a figura do Autor, Couturier, Maurice: “*Pourtant la communication textuelle [...] possède les principales caractéristiques de la conversation haïssant et amoureuse : [...] c’est à travers ce jeu croisé des désirs et des revendications des deux interlocuteurs que se tisse la trame serrée du texte comme interface, interface qui les met en rapport l’un avec l’autre et les maintient aussi paradoxalement à distance. [...] L’auteur réel est, pour moi lecteur, un sujet mort qui autrefois a désiré de créer et dont le texte tient lieu en tant que corpus.*” (1995: 241-242). Ver, também, DIAZ, José-Luis: “*Car si l’écrivain s’encrypte comme auteur - en produisant une série de signes conformes aux scénarios auctoriaux en vigueur et en se construisant ainsi lui-même comme une sorte de méta-œuvre -, le lecteur, lui, doit ensuite [...] décrypter ces signes auctoriaux et chercher à les raccorder entre eux. [...] il doit construire une sorte d’auteur de synthèse, en faisant des hypothèses opératoires tant sur l’intentionnalité sémantico-pragmatique de ses diverses publications que sur son identité existentielle.*” (1996: 110).

Não se torna despicendo alertar para quase um desmentido, por parte do Autor, de tal desafio a uma leitura encarada como “game” (orquestrada pela reflexão) e não como “playing”<sup>10</sup> (onde impera a ilusão): “*Mas tu, que estás aí sentadinho, é que não tens obrigação nenhuma de seguir assim, entrecortado, este desfiar de conversa, [...]*” (1979: 45).

Mediante este repto ao destinatário da narrativa, que tanto surge no texto como no paratexto (epígrafes<sup>11</sup> e notas de rodapé), expressa o narrador as suas reservas relativas a um eventual estatuto de onnipresença que não deseja ter - “*Os que estão em toda a parte, acabam por pairar em nenhures.*” (1979: 48) -, optando metalepticamente por se inserir na obra aberta<sup>12</sup>:

“*Aí vai a minha reivindicação de autor; ser também ator neste tablado!... Mas não sei como nem como não. Acabarás por dizer:*

- *Este tipo não sai da obra!...*

*Olha: é isso que pretendo!*” (1979: 57).

---

<sup>10</sup> Esta terminologia é da autoria de Michel Picard (1986). Ver, também, sobre a leitura, o ensaio de Vincent Jouve (1997).

<sup>11</sup> “*Onde mais uma vez se interrompe a narrativa, desta feita para bedelhar uma aula, e se antecipa uma palavra que só haverá [sic] de ter cabidela lá mais para diante.*” (1979: 57).

<sup>12</sup> A obra aberta, ‘simbolizada’ pelo título escolhido por Umberto Eco, tornou-se um *topos* da nossa modernidade, constituindo condição *sine qua non* da sua longevidade.

Por vezes, em vez de intimar coloquialmente o leitor, a ele se dirigindo na segunda pessoa do singular - “*Isto, que agora, te escrevo, [...]*” (1984: 89) / “*Confesso que me perdi. Desculpa lá, ó tu que lêš.*” (1978: 137) -, não se furta, sem aviso prévio, a inclui-lo na primeira pessoa do plural, conferindo a tal cumplicidade não só uma função afetiva, mas, sobretudo, uma função cognitiva: “*Tio Paulino ainda não lhe conhece os efeitos porque, neste momento, somos apenas quatro os detentores da verdade total. [...] entremos de seguida na conversa que me foi transmitida pelo Rolinha, [...]*” (1978: 61-63).

Deveras curioso se torna o facto de certas personagens, perseguidas pela tenacidade do Autor - “*Sento-me à mesa das literatices e vejo o Fandulho a fugir-me por entre os rabiscos da esferográfica que o tenta reinventar.*” (1978: 100) -, mas reticentes ao ‘salto’ para o papel, questionarem um público leitor coletivo (dando-lhe um tratamento frequente em meios rurais) sobre a legitimidade da sua ‘literalização’: “*Logo de manhãzinha pôs-se a meter comigo, o Fandulho assim, o Fandulho assado, [...] Mas digam-me vossemecês, se é que estão pelos ajustes: há direito de vir por aí uma porquidade de fala politica tirar a gente do nosso sossego para nos ajeitar num livro que é coisa que não é terminante e assim fiquemos toda a vida e mais seis meses numa chapa que não tem nada a ver com a nossa feição...?*” (1978: 100).

Os dados estão lançados para a visão da literatura como o espaço de recusa do romanesco e da fixação, em “chapas”, de personagens redondas volvidas em tipos, relegando para plano secundário a feição genuína do ilhéu e a “poesia da ilha” (1978: 102), ou seja a açorianidade<sup>13</sup>.

Ora, é este multifacetado, fugaz e equívoco conceito que atravessa a obra, poética e em prosa, de Vasco Pereira da Costa<sup>14</sup>: uma açorianidade

---

<sup>13</sup> Entendemos açorianidade no sentido que lhe dá Vitorino Nemésio: “Em primeiro lugar, o apego à terra, esse amor elementar que não conhece razões, mas impulsos; - e logo o sentimento de uma herança étnica que se relaciona intimamente com a grandeza do mar. [...] Uma espécie de embriaguez do isolamento impregna a alma e os atos de todo o ilhéu, estrutura-lhe o espírito e procura uma fórmula quase religiosa de convívio com quem não teve a fortuna de nascer, como o logos, na água.” (*apud A questão da literatura açoriana*, 1983: 33).

<sup>14</sup> Ver, a respeito do lastro da memória na obra de Vasco Pereira da Costa, Bettencourt, Urbano: “[...] uma memória geográfica, propiciando a representação de um espaço e de um tempo que são fundamentalmente os da infância e mesmo da adolescência [...] uma memória cultural [...] Trata-se sobretudo de indagar a profunda verdade humana e afetiva que subjaz aos acontecimentos narrados, articulando-os, por vezes, com a realidade do presente, [...]” (1999: 116-117).

Referências Bibliográficas:

Almeida, Onésimo Teotónio. (1983) *A questão da literatura açoriana. Recolha de Intervenções e Revisitação*, Angra do Heroísmo: Secretaria Regional de Educação e Cultura.

Bettencourt, Urbano. (1999) ‘Vasco Pereira da Costa’. In *O Gosto das Palavras*. Lisboa: Edições Salamandra, coleção Garajau.

Costa, Vasco Pereira da. (1978) *Nas Escadas do Império*, Coimbra: Ficção – Centelha.

Costa, Vasco Pereira da. (1979) *Amanhece a cidade*, Coimbra: Ficção – Centelha.

Costa, Vasco Pereira da. (1980) *Venho cá mandado do Senhor Espírito Santo*, Açores – Ilha Terceira.

Costa, Vasco Pereira da. (1984) *Plantador de Palavras Vendedor de Lérias*, Coimbra: Edição Câmara Municipal de Coimbra, Serviços Culturais.

Costa, Vasco Pereira da. (1987) *Memória Breve*, Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, Coleção *Insula* – Nova Série, nº 1.

Costa, Vasco Pereira da. (1994) *Sobre-Ripas Sobre-Rimas*, Coimbra: Poesia Minerva.

Costa, Vasco Pereira da. (1997) *Terras. Poemas*, Porto: Campo das Letras – Editores, Instantes de Leitura.

Costa, Vasco Pereira da. (1999) *My Californian Friends. Poesia*, Gávea Brown: Palimage Editores.

Couturier, Maurice. (1995) *La Figure de l’Auteur*, Paris: Seuil, col. Poétique.

Defays, Jean-Marc. (1996) *Le comique*, Paris : Seuil.

que tanto se eleva a voos líricos e míticos ditados pela saudade, como prosaicamente se rebaixa aos escaninhos insulares, dissecados pela ironia.

Assim é que o leitor depara, numa primeira fase, com a açorianidade geográfica, moldada pelos abalos de terra, pelos vulcões e pelas correntes marítimas, responsáveis pela precariedade da sobrevivência humana: *“Quinhentos anos de abalos e vulcões enfeixados no vazio medo de um minuto ilhéu e poderoso.”* (1984:5).

Numa segunda etapa, vem a açorianidade meteorológica, epidermicamente sofrida, a que dão vida os ciclones (e não o internacional anticiclone açórico...), a bruma cerrada, a humidade doentia e a incessante bátega de chuva:

*“- Isto está mesmo um tempo de abalos de terra! T’arrenego, excomungado!”* (1978:12);

---

Diaz, José-Luis. (1996) *‘L’auteur vu d’en face’*. In Gabrielle Chamarat et Alain Goulet (eds.) *L’auteur*. Colloque de Cerisy-la-Salle. Presses Universitaires de Caen : Centre de Recherche “Textes/Histoire/Langages”.

Jouve, Vincent. (1997) *La Lecture*, Paris : Hachette, col. Contours Littéraires.

Moura, Jean-Marc. (2005) *‘Imagologie littéraire et mythe’*. In Danièle Chauvin, André Siganos et Philippe Walter (eds.) *Questions de Mythocritique. Dictionnaire*. Paris: Éditions Imago, 205-215.

Picard, Michel. (1986) *La lecture comme jeu : essai sur la littérature*, Paris: Minuit.

Piegay-Gros, Nathalie. (2002) *Le Lecteur*, Paris : GF Flammarion, col. “Lettres”.

*“Inesperada, ímpia, cronometrada, excomungada, uma forte pancada de água, daquelas que só em ilhas que exportam ciclones e depressões para esse mundo sem clima. [...]”* (1984:58);

*“Pela Canada Nova entra um nevoeiro pegajoso e de madorra.”* (1978: 11).

Num terceiro movimento desenha-se a açorianidade sociológica, confinando com a pequenez insular, já que *“Quem em ilha nasce logo cedo reconhece/onde o menos se distende e como o mais fenece.// (“los”)”* e *“[...] apenas nas ilhas se aprende/o minguado da terra e do céu/[...]”* (“Paros”) (1997: 16-17).

Configurando e defluindo desta sociologia da açorianidade, eis que surge o inferno da curiosidade, de que a maledicência e o falatório são paradigmas: *“Nas escadas do império e nos baldes do chafariz ia grande falatório, [...]”* (1978: 59); *“Todas três [D. Maria Angra, D. Georgina e D. Brianda] varadas pela língua maledicente de uma cidade que, para o ser, precisa que a novidade surja a alimentar a fome escarninha dos seus limites escassos.”* (1978: 75); *“[...] ou a pequenez da terra pisável com uma vida à sua medida mesquinha, centrada numa cidade pechenchinha de ideias e de anseios, [...]”* (1978: 72).

*enfrentando o que sabe-se lá. [...] querer ver abertamente na cortina pegajosa que traga coisas e gente.”* (1978: 70).

Esta tipologia de açorianidades não ficaria, como é óbvio, completa, caso não se abordasse a açorianidade mítica, nas suas três vertentes de hereditariedade, de habituação *versus* exílio e de saudade, que perpassam em *My Californian Friends*.

Assim sendo, e no que respeita à hereditariedade, o *explicit* do poema “Um Bourbon com Tony Goulart” não deixa de ser elucidativo: “*Eu que sou meio picaroto digo/isto baixo e mansamente/ (à moda do Pico) /rodando o Bourbon frio/com quem me entende:/...heredities, my friend*” (1999: 15). No tocante ao exílio, ele é evidente no poema “O pescador de San Diego”, que “*Trazia os olhos de mar marejados/da negra montanha dum outro mar/cinzas do Pico névoas dos cerrados/o sal - alma das águas a sulcar.*” (1999: 13).

Quanto à habituação - o ‘grau zero’ da açorianidade? - , é de realçar o caso de “Meu primo Manuel”:

*“Meu primo Manuel da Prainha do Pico vive em San José. Trabalha no dry wall.*

Um quarto item da noção esquiva em apreço é a açorianidade etnográfica e gastronómica, que a religiosidade popular (o culto pelo Divino Espírito Santo) e o orgulho na alcatra isleña firmam inegavelmente: “*Se cada terra tem o seu manjar peculiar, se a **Paella** é valenciana, o borrego alentejano, a **Lasagna Stuffata** dos italianos, o **Roast-beef** das Inglaterras, as esquisitices francesas, as enguias da Murtosa, a Alcatra - é nossa!*” (1980: 6).

E se uma quinta vertente aponta para a açorianidade caraterológica, suscetível de ser definida como o ritmo específico da lentidão dos dias e das horas, desaguando na indolência, na pasma e na demissão da vontade, a sexta caraterística remete para a açorianidade psicológica, bipartida entre a invasão (pelo letal aborrecimento) e a evasão (tentame de emigrar, cortando as amarras da ilha...).

Afinal, viver numa ilha mais não é, citando o poeta ficcional Vicente, “*o poeta louco do Pátio da Alfandega*” (1978: 83), que “*estar rodeado de água, mesmo por cima. [...] olhar o horizonte à procura de uma nuvem que enforme outra ilha. [...] estar, dificilmente estar, de pé, com a mornaça que abafa. [...] estar, de frente, custosamente de frente,*

*Não quis como o pai albacora nem bonito:*

*Trabalha ao sol da Califórnia - de sol a sol.*

*Tem lindo home que ele próprio ergueu:*

*Back yard living room kitchen com talaveja.*

*Na garage uma van. Tem muito de seu.*

*E a mesa farta para que farte e se veja. [...]*

*Mas pensa em comprar a Companhia*

*Do boss - retired já e podre de rico.*

*Eis pois enfim a suprema galhardia*

*De meu primo Manuel da Prainha do Pico.*

*Uma história com a desejada apoteose*

*o grand'final ilhéu o picaroto happy-end...*

*se não vier a agravar-se a espondilose*

*e aquela dor nas costas que ele desentende.” (1999: 11).*

Por fim, e nos antípodas do primo Manuel, picaroto calafona, erguem-se as saudades do Matateu:

*“[...] Numa rua de Sacramento encontrei o Matateu [...]*

*À queima-roupa disparou que envelheceu [...]*

*Agora leva e traz meninos à escola*

*Num schoolbus amarelo metido numa farda. [...]*

*Saudades da nossa terra? – Em barda!*

*E molham-se os versos do que ele me disse.” (1999: 9).*

Para concluir, e como leitora que somos, não podemos deixar em silêncio as questões que o Autor de *Memória Breve* nos coloca na novela “A receita”, cuja história se afigura fácil de resumir: o narrador almeja por uma célebre receita da sua tia Virgínia, que ele batizou de “*Maria Xindó*”, e que, por ironia do destino, não é a receita da tia, mas da *Silvaninha*, que a prepara na “cozinha amarela que fora de minha [sua] avó *Jacinta*.” (1978: 115). Na página 113, a primeira e única nota de rodapé é a seguinte: “*Uso Virgina e não Virgínia por dois motivos. O primeiro porque é assim que se diz na freguesia; o segundo porque me traz ressonâncias muito sugestivas. A si, não?*” (1978: 113).

A nossa resposta é afirmativa, atendendo ao retrato da tia em questão: “*Mas aquilo é mesmo... uma Xindó, misto de dó, chilique e chinó, [...] licores de tangerina e bolachas marselhesas, [...] e uma rigidez virginal que não fora o Padre Francisco, diria de viuvez.*” (1978: 113).

Na página 116, lemos na quarta nota de rodapé: “*Quer experimentar a receita...?*” (1978: 116). Para responder cabalmente à questão, transcrevemo-la: “*Bote-se pra dentro do alguidá a farinha, o açúcar, a manteia, os ovos, o leitinho, e bate-se tudo munto bem. Ao dipôs amanda-se lá pra dentro com pozes da azia [bicarbonato] ou pozes da harmonia [amoníaco] ou pozes amaricanos [Fermento Royal]. Se ficar molinho, é pudim; se ficar fofinho, é bolo.*” (1978: 116).

Experimentei: ficou *no entre...*

MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO RIBEIRO DOS SANTOS

(Universidade do Minho)

---

**13º COLÓQUIO DA LUSOFONIA (5º ENCONTRO AÇORIANO) MARÇO-  
ABRIL 2010 FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA, BRASIL**

## **CHRYS CHRYSTELLO, PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**

*A mundividência da açorianidade em autores contemporâneos*

### **INTRODUÇÃO**

Literatura de significação açoriana, escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem.

Grandes vultos das letras e das artes nasceram nos Açores como Gaspar Frutuoso, o conde de Ávila, Manuel de Arriaga, Antero de Quental, Teófilo Braga, Roberto Ivens, Tomás Borba, Francisco de Lacerda, Canto da Maya, Domingos Rebelo, Vitorino Nemésio, António Dacosta, Carlos Wallenstein, Victor Câmara e Carlos Carreiro. Dos autores contemporâneos de que falarei aqui, selecionei alguns daqueles

por quem nutro mais apreciação: Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo e Vasco Pereira da Costa.

### **1. LITERATURA AÇORIANA**

A ilha para **Natália Correia** é Mãe-Ilha, para **Cristóvão de Aguiar**, Marilha, para **Daniel de Sá**, Ilha-Mãe, para **Vasco Pereira da Costa**, Ilha Menina, para mim nem mãe, nem madrasta, nem Marília nem menina, mas Ilha-Filha, que nunca enteada. Para amar sem tocar, ver engrandecer nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis. Toda a vida fui ilhéu e tendo perdido sotaques não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as comigo a reboque, colar multifacetado de vivências dos mundos e culturas distantes. Primeiro em Portugal, essa ilhota perdida da Europa durante o Estado Novo, seguidamente em mais um capítulo naufragado da História Trágico-marítima nas ilhas de Timor e de Bali, seguido da então (pen)ínsula de Macau (fechada da China pelas Portas do Cerco), da imensa ilha-continente denominada Austrália, e nessa ilhoa esquecida de Bragança no nordeste transmontano, antes de arribar a esta Atlântida Açores.

Com o tempo constatei o quase total desconhecimento do arquipélago para além do micaelense sotaque “de uma falsa sonoridade afrancesada” tão difícil de entender na ponta mais ocidental do antigo

Império Português. Cumes de montanhas submersas que assomam, a intervalos, aqui no meio do Grande Mar Oceano onde se mantêm gentes orgulhosas e ciosas das suas tradições e costumes, em torno duma família nuclear dizimada pelo chamado progresso.

Os políticos ocupados na sua sobrevivência sempre se olvidaram da presença mágica destas ilhas de reduzidas proporções e populações. Graças a esse deprimente meio de comunicação unilateral chamado telenovela, gente houve que aprendeu mal algo sobre este mundo à parte, quiçá ainda por descobrir. Como se fosse uma espécie de triângulo das Bermudas, onde tudo o que é relevante desaparece dos telejornais. Já era assim durante o Estado Novo e pouco mudou quanto à visibilidade real destas ínsulas, apenas evocadas pelas catástrofes naturais e pelo anticiclone do bom ou mau tempo.

Grandes vultos nasceram nos Açores, como **Gaspar Frutuoso** (1522-1591 *historiador*); o **conde de Ávila**, marquês e duque de Bolama; **Manuel de Arriaga** (1840-1917), **Antero de Quental** (1842 -1891 *filósofo e poeta*); **Teófilo Braga** (1843 -1924 *escritor e presidente da República*); **Roberto Ivens** (1850-1898); **Tomás Borba** (1867-1950, mestre de quase todos os melhores compositores portugueses do século XX); **Francisco de Lacerda** (1869-1934, musicólogo, compositor e maestro); **Canto da**

**Maya** (1890 -1981 escultor); **Domingos Rebelo** (1891-1975 pintor); **Vitorino Nemésio** (1901-1978 escritor) e **António Dacosta** (1914 -1990 pintor) para mencionar apenas alguns.

Acolho como premissa o conceito de açorianidade formulado por **José Martins Garcia** que, «*por envolver domínios muito mais vastos que o da simples literatura*», admite a existência de uma literatura açoriana «*enquanto superstrutura emanada dum habitat, duma vivência e duma mundividência*»<sup>15</sup>. O polémico debate académico em torno da expressão «*literatura açoriana*» criou entre os autores que se reuniam nos anos 80, amizades, inimizades, afinidades intelectuais e intertextualidades.

Em “Constantes da insularidade numa definição de literatura açoriana”, **J. Almeida Pavão** (1988) afirma

*“...sobre a existência de uma Literatura Açoriana...assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Literatura Portuguesa Continental. No polo positivo de um extremo, enquadrar-se-ia a posição de **Borges Garcia** e no outro extremo situar-se-ia o polo, naturalmente contestatário, formado por*

***Gaspar Simões e Cristóvão Aguiar**. Isto, sem falarmos de outros tantos depoimentos, tais sejam os de **Pedro da Silveira, Ruy Galvão de Carvalho, Eduíno de Jesus, Carlos Faria, Ruy Guilherme de Moraes, João de Melo** e outros mais, quase todos estes compendiados e mais ou menos discutidos na obra **A Questão da Literatura Açoriana**, de **Onésimo Teotónio de Almeida**, que passou a tornar-se órgão indispensável de consulta para quem de novo se proponha abordar o problema. Literatura Açoriana sê-lo-ia, na sua vertente política, sem qualquer contradita, se porventura os Açores se tornassem num território ou numa nação independente. E, aí, haveria que inscrevê-la dentro de novas premissas.”*

**Onésimo de Almeida** escreveu dois livros e coordenou outro sobre o tema: A “Questão da Literatura Açoriana” (1983), “Da Literatura Açoriana – Subsídios para Um Balanço” (1986) e “Açores, Açorianos, Açorianidade” (1989). Nesses anos, falava-se em artesanato, folclore e cultura açoriana mas nada era mais embaraçoso do que falar em literatura açoriana. O problema colocou-se por razões políticas. Em 1975, Vitorino Nemésio deixara-se utilizar pela Frente de Libertação dos Açores (FLA), movimento independentista hoje extinto, como candidato a Presidente da futura República. Contra a vontade da maioria, os

<sup>15</sup> [http://lusofonia.com.sapo.pt/acoress/acorianidade\\_pavao\\_1988.htm#\\_ftn11#\\_ftn11](http://lusofonia.com.sapo.pt/acoress/acorianidade_pavao_1988.htm#_ftn11#_ftn11)

separatistas insistiram em usar a literatura como um dos sinais da identidade nacional.

Citando J. Almeida Pavão (1988)

*“...de **Onésimo de Almeida**, diríamos que o seu critério, assente na idiossincrasia do homem das Ilhas, nelas nado e criado, nos levanta uma dificuldade: a de englobarmos no mesmo conteúdo da Literatura Açoriana os autores estranhos que porventura as habitaram, já na idade adulta, como o **Almeida Firmino de Narcose** ou as visitaram, descortinando as suas peculiaridades pelo impacto de estruturas temperamentais forjadas em ambientes diversos, como é o já citado caso de Raul Brandão de “As Ilhas Desconhecidas”. Entendemos, pois, que deverão ser abrangidos num rótulo comum de **insularidade** e **açorianidade** três extratos diversos de idiossincrasias:*

*— Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*

*— O dos insularizados ou «ilhanizados», adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do já referido poeta Almeida Firmino;*

*— E ainda o dos estranhos, como o também já mencionado Raul Brandão e este autor.”*

Muito antes do Onésimo, **Eduíno Borges Garcia** escreveu uma série de artigos sobre literatura açoriana, publicados no semanário “A Ilha” e depois reunidos em opúsculo, no qual, e ao contrário de outros teóricos, não utilizava a expressão como sendo separada do contexto nacional. Apenas aconselhava os escritores açorianos a incluírem nos seus escritos a vida concreta do povo. Queria que a literatura escrita nos açores tendesse para o neorrealismo, que refletisse a sociedade real. Hoje, é questão aceite e arrumada para a maioria enquanto se não define teoricamente a terminologia. No último Encontro Açoriano da Lusofonia, Abril 2009, o escritor **Cristóvão de Aguiar** rejeitou o rótulo de literatura açoriana, por considerar que faz parte da produção literária lusófona. «O título (literatura açoriana) é equívoco, porque pode parecer que é uma literatura separada da literatura portuguesa», afirmou à agência Lusa o escritor.

**Machado Pires** sugeriu em tempos “*literatura de significação açoriana*”, discursando sobre esse fenómeno descontínuo porque não há uma evolução, uma linha histórica progressivamente afirmada havendo “*Autores açorianos que estando fora dos Açores, deles se ocupam*

*sistematicamente de modo direto e indireto*” (p. 57). “Por isso, preferimos usar a expressão de literatura de significação açoriana quando queremos acentuar a existência de uma literatura ligada à peculiaridade açoriana por acharmos demasiado genérica, ambígua e incharacterizante a designação de ‘açoriana’.” (p. 59 – “Para um conceito de literatura açoriana” in Raul Brandão e Vitorino Nemésio. Ensaaios. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, col. “Temas Portugueses”, 1987). Outros preferem o termo “matriz açoriana”.

Há vários tipos de autores, os açorianos residentes no seio do arquipélago, os emigrados, os descendentes, e os estrangeiros que escrevem sobre os Açores (em português ou não). Falta destringir quais são os que se podem incluir nessa designação açórica.

«É, pelo menos, um ramo único no contexto da literatura portuguesa» acrescenta **Eduardo Bettencourt Pinto**, um angolano, «escritor açoriano» por escolha própria. **Pedro da Silveira** (Flores 1922-2003) autor de *A Ilha e o Mundo* (1953) foi perentório:

*«Já deixei notado que o separatismo (entendido como corrente que preconizava a independência total dos Açores) não produziu nenhuma doutrina normativa da literatura, isto é, sobre*

*o que deveria ser a literatura açoriana.»* (Silveira, 1977: 11). *O que custava era aceitar que os escritores açorianos estivessem a desenvolver uma escrita que se diferenciava da de outros autores de Língua portuguesa. É que, nessa escrita, eram visíveis as especificidades que identificavam o açoriano como ser moldado por elementos atmosféricos e sociológicos diferentes, adaptado a vivências e comportamentos que, ao longo dos séculos, foi assimilando, pois viver numa ilha implica(va) uma outra noção de mundividência. A esta realidade continuam atentos os escritores das ilhas e é inegável a importância do seu contributo para o conhecimento da sociologia da literatura açoriana. A literatura açoriana não precisa de que se aduzam argumentos a favor da sua existência. Precisa de sair do gueto que lhe tem sido a sina (“Açores”, Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e Teoria Literária, coordenado por João José Cochofel Iniciativas Editoriais 1977)».*

Lentamente, os escritores foram encontrando o seu espaço, não havendo míngua de qualidade nem quantidade, mas, na maior parte dos casos sem projeção além das ilhas, com exceções contemporâneas como as de **João de Melo**, **Cristóvão de Aguiar**, **Daniel de Sá**, **Vasco Pereira da Costa e Dias de Melo**, para citar apenas alguns.

Nos Colóquios da Lusofonia, na sua versão insular desde 2006 dos Encontros Açorianos, o ponto de partida foi o debate sobre a identidade açoriana, a escrita, as lendas e tradições, numa perspetiva da LUSOFONIA com todas as diversidades culturais que, com a nossa podem coabitar. Deste intercâmbio de experiências entre residentes, expatriados e todos aqueles que dedicam a sua pesquisa e investigação à literatura, à linguística, à história dos Açores ou outro ramo de conhecimento científico, *podemos aspirar a tornar mais conhecida a identidade lusófona açoriana.*

Aspira-se a contribuir para o levantamento de fatores exógenos e endógenos que permeiam essa açorianidade lusófona e criativamente questionar a influência que os fatores da insularidade e do isolamento tiveram na preservação do caráter açoriano. A meritória ação de várias entidades nas últimas décadas tem proporcionado um estreitamento entre açorianos, expatriados e descendentes numa forma fechada e limitada, quase conversas em família. Os Colóquios pretendem ir mais além, e levar os Açores ao mundo, em especial aos que não têm vínculos familiares nem conhecimento desta realidade. Independentemente da Açorianidade, mas por via dela, pretende-se que mais lusofalantes e lusófilos fiquem a conhecer a realidade insular e as suas peculiaridades.

## 2. À DESCOBERTA DOS AUTORES

### 2.1. AS PRIMEIRAS LETRAS TRADUZIDAS

Era imperioso que alguém lesse os autores de origem literária açoriana, lhes insuflasse nova vida e os trouxesse à mais que merecida ribalta. Coube-me o privilégio de aprender idiossincrasias insulares ao traduzir autores como **Daniel de Sá** e **Victor Rui Dorez**. Deparei com noções etimologicamente ancestrais contrastando com o uso que se lhes apõe na maioria dos dicionários. No Dicionário do Moraes vêm todos os termos “chamados” açorianos.

A língua recuada até às origens e adulterada pelo emigrês que trouxe corruptelas aportuguesadas e anglicismos. Trata-se de desvendar o arquipélago como alegoria recuando à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se desfraldaram ao enguiço do presente e não podem ser só perpetuadas nas suas memórias. Nesta geografia idílica não busquei a essência do ser açoriano. Existirá, decerto, em miríade de variações, cada uma vincadamente segregada da outra.

Também não cuidei de saber se o homem se adaptou às ilhas ou se estas condicionam a presença humana, para assim evidenciar a sua

especificidade ou açorianidade. Antes quis apreender as suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizavam face aos antepassados e locais de origem. Deduzi características relevantes para a açorianidade:

- 1. O clima inculca um caráter de torpor e de morosidade;*
- 2. Os habitantes quedam quase tão distantes de Portugal como há séculos;*
- 3. O recorte dos estratos sociais: é vincadamente feudal apesar do humanismo que a revolução de 1974 alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;*
- 4. A adjacência das gentes à terra persiste fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, num centralismo autofágico e macrocéfalo.*

Um dos grandes escritores açorianos injustamente esquecido, **José Martins Garcia** nasceu na Criação Velha, Pico, a 17 de Fevereiro de 1941, tendo feito os seus estudos iniciais no Pico e parte dos liceais na Horta. Em Lisboa licenciou-se em Filologia Românica pela Faculdade de Letras. Teve uma breve passagem pelo Liceu da Horta, antes da mobilização para a guerra na Guiné-Bissau (1966 -1968). Entre 1969 e 1971 foi leitor de Português em Paris. Foi professor na Faculdade de Letras de Lisboa,

de 1971 a 1977, como assistente. Partiu para a América, onde lecionou na Brown University, entre 1979 e 1984, ingressando, de seguida na Universidade dos Açores, onde permaneceu até à sua morte, em 4 de Novembro de 2002. Aqui introduziu a cadeira de Literatura e Cultura Açorianas e doutorou-se com uma tese sobre Fernando Pessoa e atingiu a cátedra. Ocupou o cargo de Vice-reitor e dirigiu a revista Arquipélago, do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas.

A sua obra apresenta uma diversidade de intervenções<sup>16</sup>, que vão desde o ensaísmo, à poesia, passando pelo romance, pelo conto e pela crítica jornalística. No jornalismo português destacou-se, antes e depois do 25 de Abril, no República, Jornal Novo, A Luta, A Capital, o Diário de Notícias, O Diabo e a Vida Mundial. David Mourão-Ferreira, um dos maiores críticos literários do século vinte português, disse (1987) sobre José Martins Garcia:

---

<sup>16</sup> No ensaio e crítica: "Linguagem e Criação" (1973), "Cultura, Política e Informação" (1976), "Vitorino Nemésio. A Obra e o Homem" (1978), "David Mourão-Ferreira. A Obra e o Homem" (1980), "Temas Nemesianos" (1981), "Fernando Pessoa – "Coração Despedaçado" (1985), "Para uma Literatura Açoriana" (1987), "David Mourão-Ferreira – Narrador" (1987), "Vitorino Nemésio – à luz do Verbo" (1988), "Exercício da Crítica" (1995). No teatro: "Tragédia Exata" (1975) e "Domiciano" (1987). No conto: "Katafaraum é uma Nação" (1974), "Alecrim, Alecrim aos Molhos" (1974) "Querubins e Revolucionários" (1977), "Receitas para Fritar a Humanidade" (1978), "Morrer Devagar" (1979), "Contos Infernais" (1987), "Katafaraum Ressurreto" (1992). No romance: "Lugar de Massacre" (1ªedição: 1975), "A Fome" (1ªedição: 1978), "O Medo" (1982), "A Imitação da Morte" (1982), "Contrabando Original" (1987) e "Memória da Terra" (1990). Na poesia: "Feldegato Cantabile" (1973), "Invocação a um Poeta e Outros Poemas" (1984), "Temporal" (1986), "No Crescer dos Dias" (1996).

*“Se não vivêssemos, vicentinamente, num País em que a “barca do purgatório” anda sempre mais carregada que as outras duas /.../ o nome de José Martins Garcia deveria ser hoje unanimemente saudado como o do escritor mais completo e mais complexo que no último decénio entre nós se revelou; /.../ com igual mestria tanto abrange os registos da mitificação narrativa como os da exegese crítica, tanto os da desmistificação satírica como os da transfiguração telúrica, e que sem dúvida não encontra paralelo, pela convergência e concentração de todos estes vetores, na produção de qualquer outro seu coetâneo.”*

## **2.2 . VASCO PEREIRA DA COSTA, AUTOR HOJE HOMENAGEADO**

Quedemo-nos, doravante, na perspicaz apreciação que faz Cristóvão de Aguiar da obra de Vasco Pereira da Costa intitulada *Nas Escadas do Império*:

*“Não é por acaso que Vasco Pereira da Costa, poeta de mérito, mas ainda no silêncio da gaveta, se apresenta no mundo das letras sobraçando uma coletânea de contos. Numa terra onde quase todos sacrificam às (as) musas e se tornou quase regra a estreia com um livrinho de poemas, a atitude (ou opção) do autor*

*de Nas Escadas do Império não deixa de ser de certo modo corajosa como corajosos são os contos que este livro integra.*

*Não fora o receio de escorregar na casca do lugar-comum, e eu diria que esta mancheia de contos vivos, arrancados com mãos hábeis e um sentido linguístico apuradíssimo ao ventre úbere, mas ainda mal conhecido, da sua terra de origem, vem agitar as águas paradas, onde se situa o panorama nebuloso e um tanto equívoco da literatura de expressão açoriana. O conto que abre esta coletânea, Faia da Terra, é bem a prova do telurismo, no sentido torquiano do termo, de que o jovem escritor (Angra do Heroísmo, Junho de 1948) está imbuído, sem cair no pitoresco regionalista, tão do agrado de muitos escritores açorianos. Não resta a mínima dúvida de que o Gibicas, A Fuga e outras peças de antologia que aqui figuram vêm contribuir para o enriquecimento do conto português de especificidade e característica açoriana. Contudo, Vasco Pereira da Costa corre o risco (e ele mais do que ninguém disso está consciente) de vir a ser queimado nas labaredas inquisitoriais de certos meios ideológico literários açorianos que têm tentado, oportunicamente, mas sem raízes verdadeiras, edificar [...] uma literatura açoriana em oposição à Literatura Portuguesa. Nas*

*Escadas do Império, quer queiram ou não os arautos da mediocracia, vem dizer-nos exatamente o contrário.”*

Com efeito, não podia deixar de ser mais justo o juízo de valor supracitado.

Em primeiro lugar, estreia-se Vasco Pereira da Costa, em 1978, com uma coletânea de contos, *Nas Escadas do Império*, à qual se seguirão a novela *Amanhece a Cidade* (1979), publicada em Coimbra pela Centelha; a memória *Venho cá mandado do Senhor Espírito Santo* (1980), dada ao prelo em Lisboa; os poemas de *Ilhíada* (1981), editados em Angra do Heroísmo; *Plantador de palavras Vendedor de lérias*, antologia de novelas galardoada com o prémio Miguel Torga – cidade de Coimbra no ano de 1984; *Memória Breve*, datada de 1987 e surgida em Angra do Heroísmo; *Risco de marear* (Poemas), vindo a lume, em 1992, na cidade de Ponta Delgada; e, por fim, três obras poéticas, a saber *Sobre Ripas Sobre Rimas*, *Terras* e *My Californian Friends*, respetivamente publicadas em Coimbra, Porto e Gávea Brown, com data de 1994, 1997 e 1999.

Em segundo lugar, urge referir a originalidade de Vasco Pereira da Costa, evidente tanto na sua obra poética como na sua obra em prosa, que vem, segundo o Autor de *Raiz Comovida*, agitar as letras açorianas.

Assim sendo, e numa perspetiva temática, cumpre realçar o telurismo genuíno patente em “Faia da Terra”, história do enamoramento de Teresa por um americano da Base, da sua subsequente partida para o Novo Mundo, já com o nome de Mrs. Teresa Piel, e da secagem da faia, dois meses após a descolagem do avião da *Pan America*.

Nesta novela inaugural perpassam vivamente, como que fotografadas ao vivo, as rotineiras fainas insulares que, pela via da repetição, regem o quotidiano do ilhéu: “*Era sexta-feira e a mãe amassava o crescente com a farinha de milho. No forno estalavam a rapa, o eucalipto e o loiro: [...] Lavou depois as folhas de botar pão e veio sentar-se ao pé dos meus socos de milho – bois de veras, espetados com palhitos queimados arremedando os galhos – no estrado do meio-da-casa. Arrumou as galochas no sobrado [...]*” (1978: 11).

Por vezes, é a loucura insular que faz a sua aparição em cena, na figura do poeta Vicente, “*um Côrte-Real impotente, tacanho e degenerescente*” (1978: 71), o qual, volvido esse tempo em “*que escrevia coisas tão lindas, de tanto sentimento*”, tem o despautério de acumular guarda-chuvas na falsa e de publicar no jornal da Ilha desairosos

alinhavos poéticos: *“Prometeu / Prometeu / Não cumpriu / A promessa / Homessa!//”* (“A Fuga”, 1978: 74).

Ainda a respeito do Autor de *Memória Breve*, cumpre salientar o seu apurado sentido linguístico, responsável pelo discurso das personagens (direto, indireto e indireto livre) que, caricaturalmente individualizado, se torna emblema de um falso cosmopolitismo insulano, ao qual não é alheio o inevitável açorianismo:

*“Os americanos [...] Abancam mesmo rés-minés ao lado dos ingleses. Cinco. [...]*

*Cham-pa-gne! Cham-pa-gne!*

*Everybody drinks!*

*Ei, seinhore!*

*Today, pay day!*

*Ouviste? Olha que o mar não está de lapas! [...] Nove taças na bandeja; [...]*

*Os ingleses que no thank you; os americanos que yes, que sim senhor; os ingleses, dedos a abanar, que nada de caltraçadas, just Porto Wine; os americanos, pegadinhos, que O.K. para cima, que O.K. para baixo, [...] Nosso Senhor os aparte em bem. Se assim não fora, tínhamos para aí camponia.”* (“Belmiro & Delmiro”, 1978: 42-43).

Em terceiro lugar, e ainda na ótica de Cristóvão de Aguiar, a coragem de Vasco Pereira da Costa, que a sátira, nas suas diversas vertentes, revela à sociedade.

Assim sendo, atente-se quer na crítica ao salazarismo, regime repressor, totalitário e punitivo dos que ousam transgredir as regras impostas - *“Como vim aqui [à ilha] parar? É simples: por ser anarquista e não peitear o Manholas de Santa Comba”* (“O Manel d’Arriaga”, 1978: 31) -, quer na crítica à mentalidade medíocre, cuja pequenez constrangedora se espraia, em espaço íntimo e público, pela vida de outrem tão sigilosamente resguardada quanto violada de supetão - *“[...] cada qual dava a sua sentença, todos em grande pensão, e não havia alcatra de couves que, à hora da ceia, não fosse temperada com palpites de desenlace.”* (“Primavera”, 1978: 59) / *“Todas três varadas pela língua maledicente de uma cidade [...] Tocava-lhes a vez de serem as atrizes da comédia, a elas, que sempre foram espetadoras críticas nas melhores coxias.”* (“A Fuga”, 1978: 75) -, quer na crítica ao jornalismo barato e ao provincianismo dos articulistas, cujo discurso, pouco inovador, se vai ritualizando - *“Começou então o embaraço. No jornal de amanhã, por entre os aniversários da gente fina [...] as partidas e as chegadas, os partos e as notícias do País e do Estrangeiro, os casamentos e os pedidos*

*de, os horários de barcos e de aviões, as orações ao Menino Jesus de Praga e ao divino Espírito Santo [...]* (“A Fuga”, 1978: 82-83) -, quer, por fim, na crítica a uma certa ‘cultura de superioridade’ que ‘Mestre’ Gibicas se apresta a denegar: “[...] *estávamos de língua entre os dentes para sibilar o th. O professor fazia empenho pois [...] era uma vergonha virem por aí abaixo os americanos e nós sem sabermos agradecer. [...] Até que foi a tua [Gibicas] vez. [...] Agarraste na caixinha vermelha, azul e branca, com as estrelinhas desse people para o nosso povo e, sem esperar o afago da farda grandalhona, gritaste-lhes alto, como ninguém ainda o fizera: - SANABOBICHAS!*” (“Gibicas”, 1978: 137-138-141). Em asterisco de rodapé, explica o Autor o neologismo: “Son of a bitch”.

Em quarto lugar, a variedade genológica em que se move o Escritor homenageado, desde o conto e a novela, até à memória e à “crónica” breve, passando pela Poesia. E, a este propósito, não resistimos à tentação de transcrever o poema “Dinis, the Portuguese teacher” –

*Na língua ausente a saudade maior  
na palavra saudade a língua viva  
Não a saudadinha de folclore  
pitoresca e digestiva  
constitucional e estatutária*

*de meter dó em dó menor  
no caldo verde no rubro chouriço  
Mas a saudade necessária:  
Apenas quatro sílabas de compromisso (My Californian Friends,  
1999: 17) –*

- bem como o poema “Rose era o nome de Rosa”:

*A mãe disse não mais  
não mais eu não mais tu filha  
não mais nomes na pedra do cais  
não mais o cortinado da ilha  
  
não mais Rosa sejam Rose agora  
não mais névoas roxos ais  
não mais a sorte caipora  
não mais a ilha não mais*

*Porém Rose o não mais não quis  
e quis ver a ilha do não mais  
o cortinado roxo infeliz  
os nomes na pedra dos cais*

*Pegou em si e foi-se embora.*

*Não mais Rose. Rosa outra vez agora. (My Californian Friends, 1999: 25).*

Não estaremos nós perante a açorianidade?

chrys chrystello fev.º 2010

### Bibliografia principal

Almeida, O. T. (org.) (1983), *A Questão da Literatura Açoriana. Recolha de Intervenções e Revisitação* [as diversas posições teóricas ao longo do tempo e algumas posições polémicas]. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura. Id. (org.) (1986), *Da Literatura Açoriana. Subsídios para um Balanço*. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura. Id. (1989), *Açores, Açorianos, Açorianidade – Um Espaço Cultural*. Ponta Delgada, Signo.

Barros, J. H. S. (1981), *O Lavrador de Ilhas - I*. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura.

Carvalho, R. G. (1956), Possibilidades de uma literatura de significação açoriana. *Insulana*, XII: 216-221.

Costa, Vasco Pereira da. (1978) *Nas Escadas do Império*, Coimbra: Ficção – Centelha.

Costa, Vasco Pereira da. (1999) *My Californian Friends*, Gávea Brown: Palimage Editores.

Freitas, V. (1999), Discursos culturais nos Açores: uma estética da territorialidade, *In A Ilha em Frente. Textos do Cerco e da Fuga*. Lisboa, Salamandra: 15-29.

Garcia, E. B. (1953), *Para uma Autêntica Literatura Açoriana*, Suplemento Literário de A Ilha, Ponta Delgada: 1-32.

Garcia, J. M. (1987), Ainda a questão da Literatura Açoriana *In Para uma Literatura Açoriana*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores: 9-32. Id. (1987), Atualidade da Literatura Açoriana, *In Ibid.*: 111-124. Id. (1987), A criatividade artística nos Açores. Limites e Barreiras, *In Ibid.*: 125-138.

Jesus, E. (1957), Para uma teoria de Literatura Açoriana. *Atlântida*, I, 4: 201-205.

Machado, M. U. B. (1983), Antologia de poesia açoriana, *In O Gosto das Palavras*. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura: 77-87. Id. (1995), Da Literatura Açoriana – notas (muito lacunares) para uma aproximação, *In O Gosto das Palavras II*. Ponta Delgada, Jornal da Cultura: 13-16.

Nemésio, V. (1923), Por que não temos Literatura Açoriana [entrevista com Vitorino Nemésio, por Rebelo de Bettencourt] *In Almeida, O. T. (org.) (1983), A Questão da Literatura Açoriana. Recolha de Intervenções e Revisitação*. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da

Educação e Cultura. Id. (1932), Açorianidade *Ínsula*, Ponta Delgada, 7-8. Id. (1946), O problema do romance. *Diário Popular*, 8 de Maio. Pavão, J. A (1991), Constantes da insularidade numa definição de Literatura Açoriana, *In Caminheiros da Cultura*. Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada: 133-152.

Pires, A. M. B. M. (1983), Para a Discussão de um Conceito de Literatura Açoriana. *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, XLI: 842-858. Id. (1987), *A Identidade Cultural dos Açores*, Sep. de *Arquipélago* (série Línguas e Literaturas), IX. Id. (1997), Os Açores antes do 25 de Abril. Alguns Indicadores Culturais, *Insulana*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada: 33-49.

### Bibliografia secundária:

A produção literária açoriana nos últimos dez anos (1968-1978), *Separata Colóquio/Letras*, n.º 50, Lisboa, Fundação Gulbenkian, Julho/1979.

Aguiar, Cristóvão de. Raiz Comovida, Trilogia Romanesca. 2.ª ed., Lisboa, Ed. Caminho, 1987.

AGUIAR, Cristóvão de, Raiz Comovida – A Semente e a Seiva, Coimbra, Centelha, 1978.

AIRES, Fernando, Memórias da Cidade Cercada, Lisboa, Ed. Salamandra, 1995.

Almeida, Onésimo “Coração Despedaçado a Morrer Devagar’ Da experiência americana de José Martins Garcia”. *In Arquipélago. Línguas e Literaturas*. vol. XVII. Revista da Universidade dos Açores, 29-45. (2001/04)

ALMEIDA, Onésimo Teotónio, «Sapa»teia Americana, Lisboa, Vega, 1983.

ALMEIDA, Onésimo Teotónio, A Questão da Literatura Açoriana, Angra, Secretaria Regional da Educação e Cultura (SREC), 1983.

ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *The Sea Within*, Providence, Gávea-Brown, 1983.

BATISTA, Adelaide, João de Melo e a Literatura Açoriana, Lisboa, Publ. Dom Quixote, 1993.

BETTENCOURT, Urbano, O Gosto das Palavras III, Lisboa, Ed. Salamandra, 1999.

Borges, Naír Odete da Câmara. Influência anglo-americana no falar da ilha de S. Miguel (Açores). Coimbra, Instituto de Estudos Românicos, sep. de Revista Portuguesa de Filologia, 1960.

Brandão, s.d. Brandão, Raul. As Ilhas Desconhecidas. Notas e Paisagens. Lisboa, Perspetivas & Realidades, s.d.

BRASIL, Luís António de Assis, “A Narrativa Açoriana pós-Vinte e Cinco de Abril”, *in Organon*, vol. 8, n.º 21, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994, pp. 71-79.

CÔRTEZ-RODRIGUES, Armando, Antologia de Poemas, 2.ª ed., Ponta Delgada, Instituto Cultural, 1989.

COSTA, Vasco Pereira da, *Plantador de Palavras Vendedor de Lérias*, Coimbra, Câmara Municipal, 1984.

Costa, Vasco Pereira da. *My Californian Friends* (2ª Edição); nas escadas do império; amanhece a cidade; venho cá mandado do Senhor Espírito Santo; plantador de palavras/vendedor de lérias; memória breve; riscos de marear; sobre-ripas sobre-rimas; terras Coutinho, Gago. “Descoberta dos Açores”, Seara Nova (Lisboa), XI (1930), p. 258-71, com mapa;

Da Literatura Açoriana (Org. e Intro. De...), Angra, SREC, 1986.

Da Silva Ribeiro, Luís. Formação histórica do povo dos Açores, *in Açoriana*, Angra, 1941.

De Freitas, Jordão. *As Ilhas do Arquipélago dos Açores na História da Expansão Portuguesa*, Lisboa.

de Mesquita, Roberto. *Almas Cativas e Poemas Dispersos*. Coleção Poesia, Edições Ática, Amadora, 1973, p. 195.

de Sá, Daniel. *Crónica do despovoamento das Ilhas*. Lisboa: Salamandra, 1995.

de Sá, Daniel. *O Pastor das Casa Mortas*, Ponta Delgada, ed. VerAçor, 2007

de Sá, Daniel. *Santa Maria, Ilha-Mãe*, Ponta Delgada, ed. VerAçor, 2007

Dias, Urbano de Mendonça. *Os Meus Contos*. Vila Franca do Campo, 1945.

Dias, Eduardo Mayone. *Açorianos na Califórnia*. Prólogo, entrevistas e notas por [-]. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional de Educação e Cultura, 1982.

Dias, Maria Alice Borba Lopes. *Ilha Terceira*. Estudo de linguagem e etnografia. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional de Educação e Cultura, 1982.

Dores, Victor Rui “Contos Infernais ou a efabulação do poder”. In *Signo*. *Jornal de Letras e Artes*, 16, 4. (1987).

Duarte, Noélia “David Mourão-Ferreira e José Martins Garcia: o ‘ofício de escrever’”. In *Arquipélago*. *Línguas e Literaturas*. vol. XVII. *Revista da Universidade dos Açores*, 109-131. (2001/04)

Exercício da Crítica, Lisboa, Ed. Salamandra, 1995.

FÉLIX, Emanuel, *A Viagem Possível*, 2.ª ed., Lisboa, Vega, 1993.

FÉRIN, Madalena, *A Cidade Vegetal*, Angra, SREC, 1987.

Figueiredo, Jaime de, *Ilha de Gonçalo Velho*, C. de Oliveira Lda, Lisboa, 1954

FIRMINO, Almeida, *Narcese*, Angra, SREC, 1982.

FREITAS, Vamberto, *O Imaginário dos Escritores Açorianos*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1992.

Frutuoso, Gaspar, *Saudades da Terra*, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1977-1987, 6 livros e 8 volumes

Garcia, E. B. *Para uma Autêntica Literatura Açoriana*, Suplemento Literário de A Ilha, Ponta Delgada: 1-32. (1953),

Garcia, J. M. (1987), *Ainda a questão da Literatura Açoriana* In *Para uma Literatura Açoriana*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores: 9-32. Id. (1987), *Atualidade da Literatura Açoriana*, In *Ibid.*: 111-124. Id. (1987), *A criatividade artística nos Açores*. *Limites e Barreiras*, In *Ibid.*: 125-138.

GARCIA, José Martins, *Memória da Terra*, Lisboa, Vega, 1990.

GARCIA, José Martins, *Para uma Literatura Açoriana*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1987.

GARCIA, José Martins, *Temporal*, Providence, Gávea-Brown, 1986.

GUERRA, Rodrigo, *A Americana*, Angra, SREC, 1980.

J.H. Santos Barros, *O Lavrador de Ilhas — 1*. Coleção «Gaiyota» Angra do Heroísmo, 1982.

Jesus, E., *Para uma teoria de Literatura Açoriana*. *Atlântida*, I, 4: 201-205. 1957),

JESUS, Eduíno de, “Breve notícia histórica da poesia açoriana de 1915 à atualidade”, in *Estrada Larga*, vol. 3, Porto Editora, [s/d], pp. 425-430. O artigo termina referenciando livros de finais dos anos 50.

Machado, F. S. de Lacerda. *Vocabulário Regional colhido no concelho das Lajes ( i lha do*

Pico). Coimbra, Imprensa da Universidade, 1917.

Machado, M. U. B. *Antologia de poesia açoriana*, In *O Gosto das Palavras*. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura: 77-87. Id. (1995), *Da Literatura Açoriana – notas (muito lacunares) para uma aproximação*, In *O Gosto das Palavras II*. Ponta Delgada, *Jornal da Cultura*: 13-16. (1983),

Maia, Maria Lúcia Borba e. *O Falar da Ilha Terceira*. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, (dissertação de licenciatura). 1965

Mar Cavado. *Da Literatura Açoriana e de Outras Narrativas*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1998.

MARTINS, J. H. Borges, *Nas barbas de deus*, Lisboa, Salamandra, 1999.

Medeiros, Maria de Jesus Chichorro de. *A Linguagem Micaelense em alguns dos seus aspetos*. *Dissertação de Licenciatura*, Lisboa, Faculdade de Letras, 1964.

MELO, Dias de, *Pedras Negras*, 2.ª ed., Lisboa, Vega, 1985.

MELO, João de, *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*, Lisboa, Vega, 1978.

MELO, João de, *Gente Feliz com Lágrimas*, Lisboa, Publ. D. Quixote, 1988.

MELO, João de, *Toda e Qualquer Escrita*, Lisboa, Vega, 1992.

Mendonça, Elsa Brunilde Lemos de. «Ilha de São Jorge (subsídio para o estudo da etnografia, linguagem e folclore regionais)». *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*. Angra do Heroísmo, XIX-XX, 1961-62.

MESQUITA, Roberto de, *Almas Cativas e Poemas Dispersos*, Lisboa, Ed. Ática, 1973

Mourão-Ferreira, David *Cartas de Amor de Fernando Pessoa*. Lisboa: Ática. (1978)

Nemésio, CF Vitorino. *A Casa Fechada*. *Novelas*. 2.ª ed., Lisboa, Livraria Bertrand, 1979.

Nemésio, MTC Vitorino. *Mau Tempo no Canal*. Lisboa, Livros Unibolso, Ed. Associados, col. «Biblioteca Universal».

Nemésio, V. *Por que não temos Literatura Açoriana* [entrevista com Vitorino Nemésio, por Rebelo de Bettencourt] In Almeida, O. T. (org.) (1983), *A Questão da Literatura Açoriana*. *Recolha de Intervenções e Revisitação*. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura. Id. (1932), *Açorianidade - Ínsula*, Ponta Delgada, 7-8. Id. (1946), *O problema do romance*. *Diário Popular*, 8 de Maio. Pavão, J. A (1991), *Constantes da insularidade numa definição de Literatura Açoriana*, In *Caminheiros da Cultura*. Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada: 133-152.

NEMÉSIO, Vitorino, “Açorianidade” in *Insula*, n.º 7-8, Ponta Delgada, Julho, 1932.

NEMÉSIO, Vitorino, *Mau Tempo no Canal*, 7.ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional, 1994.

NEMÉSIO, Vitorino, *Poesia I, II*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1989.

Nemésio, V. – *à luz do Verbo*, Lisboa, Vega, 1989.

Nemésio, V – *Rouxinol e Mocho*, Praia da Vitória, Câmara Municipal, 1998.

Nemésio, V. “O Poeta e o Isolamento: Roberto de Mesquita”, in *Conhecimento de Poesia*, Editorial Verbo, 1970, p. 149.

Nemésio, V. “Poemas ilhéus”, in *Colóquio - Letras*, n.º 41, Janeiro de 1978.

OLIVEIRA, Álamo, *Com Perfume e com Veneno*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1997.

OLIVEIRA, Álamo, *Impressões de Boca*, Angra, SREC, 1992.

ORRICO, Maria, *Terra de Lúcia*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1994.

Pavão, J. Almeida. Aspetos Populares Micaelenses. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional de Educação e Cultura, 1981.

Pequeno Roteiro da História da Literatura Portuguesa (1984) Lisboa: Instituto Português do Livro.

Pereira da Costa, Vasco. Nas Escadas do Império: Contos. Coimbra, Centelha, 1978.

PEREIRA DA COSTA, Vasco, Ilhíada, Angra, SREC, 1981.

PINTO, Eduardo Bettencourt, Menina da Água, Ponta Delgada, Editorial Éter, 1997.

PINTO, Eduardo Bettencourt, Os Nove Rumores do Mar – Antologia da Poesia Açoriana Contemporânea, 3.ª ed., Lisboa, Instituto Camões, 2000.

Pires, António Manuel Bettencourt Machado. A pastorícia dos b ovinos na Ilha Terceira. Dissertação de licenciatura, Lisboa. 1968

Pires, A. M. B. M. Para a Discussão de um Conceito de Literatura Açoriana. Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, XLI: 842-858. (1983), Id. (1987), A Identidade Cultural dos Açores, Sep. de Arquipélago (série Línguas e Literaturas), IX. Id. (1997), Os Açores antes do 25 de Abril. Alguns Indicadores Culturais, Insulana, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada: 33-49.

Pires, A. Machado “José Martins Garcia um ‘intelectual em estado puro’”. In Arquipélago. Línguas e Literaturas. Vol. XVII. Revista da Universidade dos Açores: 171-177. (2001/04)

PIRES, António M. B. Machado, Raul Brandão e Vitorino Nemésio, Lisboa, Imprensa Nacional, 1988.

QUENTAL, Antero de, Sonetos, 5.ª ed., Lisboa, Sá da Costa, 1976.

RIBEIRO, Luís da Silva, Subsídios para um Ensaio sobre a Açorianidade, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, 1964.

RODRIGUES, Rui Duarte, Com Segredos e Silêncios, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, 1994.

Rosa, 1904 Rosa, P.e Nunes da. Pastorais do Mosteiro. Bandeiras, 1904.

Rosa, 1978 Rosa, P.e Nunes da. Gente das Ilhas. 2.ª ed., Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 1978.

ROSA, Nunes da, Gente das Ilhas, 2.ª ed., Angra, Instituto Açoriano de Cultura, 1978.

SÁ, Daniel de, Ilha Grande Fechada, Lisboa, Ed. Salamandra, 1992.

Saramago, João. Le parler de l'île de Corvo. Grenoble, Centre de Dialectologie de l'Université Stendhal-Grenoble III/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1992.

Seis Poetas Micaelenses, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1988.

Serpa, José Machado de. A Fala das Nossas Gentes. Ponta Delgada, Signo, 1987.

SILVA, Heraldo Gregório da, Açorianidade na Prosa de Vitorino Nemésio, Angra, SREC, 1985.

SILVEIRA, Pedro da, Antologia de Poesia Açoriana – séc. XVIII a 1975, Lisboa, Sá da Costa, 1977.

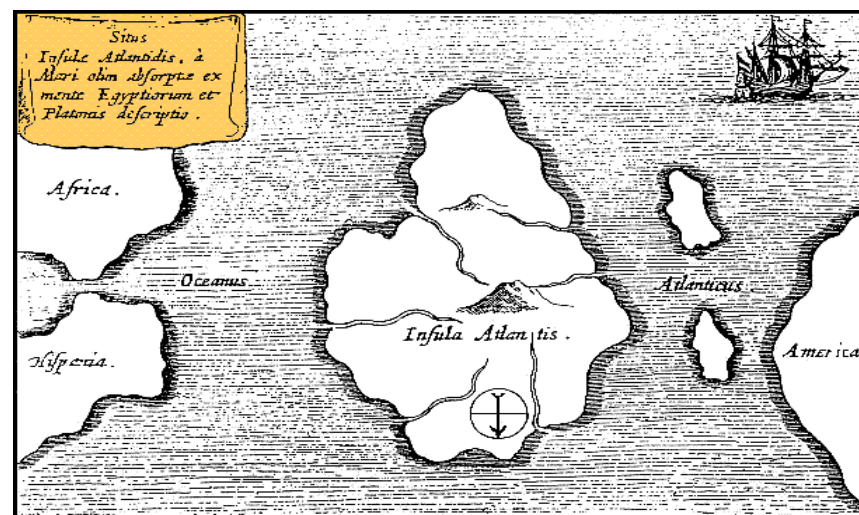
SILVEIRA, Pedro da, “O conto açoriano e os seus caminhos”, in Estrada Larga, vol. 1, Porto Editora, [s/d], pp. 545-547.

SILVEIRA, Pedro da, Fui ao Mar Buscar Laranjas-1, Angra, Direção Regional da Cultura, 1999.

TERRA, Florêncio, Contos e Narrativas, 2.ª ed., New Bedford, Promotora Portuguesa, 1981.

VAZ, Katherine, Saudade, Lisboa, Asa, 1999.

## CADERNOS AÇORIANOS



Suplemento 4 MAIO 2010

**DEDICADO A VASCO PEREIRA DA COSTA**

Todas as edições estão em linha em

<http://www.lusofonias.net/estudos%20e%20cadernos%20açorianos/index.htm>

Editor **Colóquios da Lusofonia** (Chrys Chrystello)

Coordenadoras **Helena Chrystello / Rosário Girão dos Santos**

Os colóquios da lusofonia seguem a nova ortografia desde **FEV.º 2009**